

SOPHIE CALLE *cuide de você*

AQUI VOCÊ ENCONTRA AS TRADUÇÕES NECESSÁRIAS À COMPREENSÃO DAS INTERPRETAÇÕES TEXTUAIS QUE COMPÕEM A VERSÃO BRASILEIRA DA EXPOSIÇÃO SOPHIE CALLE *cuide de você*. **ESTA BROCHURA É DE USO EXCLUSIVO DOS VISITANTES DURANTE A PERMANÊNCIA NO ESPAÇO EXPOSITIVO.** POR FAVOR, AO DEIXAR A SALA, ENTREGUE-A A UM MONITOR.



VIDENTE  
Maud Kristen

Coloquei o texto na minha frente. Preferi ler as cartas.  
Eu as embaralhei e as coloquei viradas para baixo. Depois, escolhi cinco cartas.  
Organizei-as em forma de cruz e perguntei:

O QUE ESTÁ POR TRÁS DESSA CARTA?

Olhemos as cartas. Elas são desfavoráveis.

Um velho de capuz sozinho pela noite com sua lanterna.  
Em sua solidão desencantada, não há muito lugar para o amor.

ESSAS NÃO SÃO AS PALAVRAS DE UM HOMEM FELIZ,  
POR CAUSA DO EREMITA

Atormentado por animais, ele tateia cegamente para tentar encontrar seu caminho...  
Morbidamente instável, ele é como um graveto ao vento.

ESSAS NÃO SÃO AS PALAVRAS DE UM HOMEM ESTÁVEL,  
POR CAUSA DO LOUCO

A IMPERATRIZ  
ELA CONTROLA A RETÓRICA

Foi com a colaboração da imperatriz – protetora dos escritores – e a destreza que ele tem com a linguagem que ele conseguiu compor essa carta.

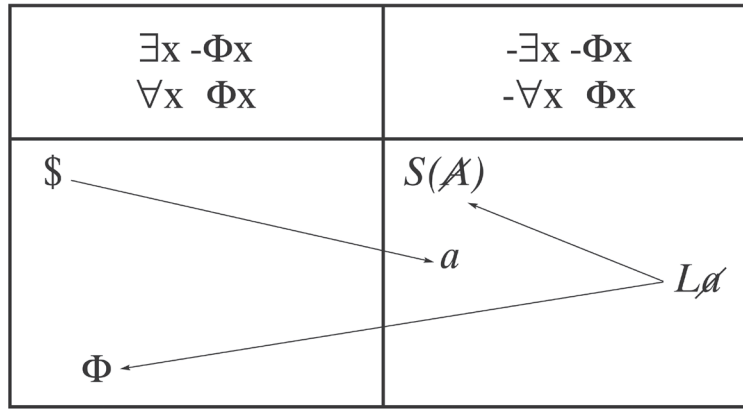
Lobos uivam para a lua em frente ao reflexo ilusório  
de uma mulher nua na água... Estamos entre mentiras e ilusões,  
entre o medo do espelho e a fascinação narcisística,  
entre a confusão e a complacência.

ESSAS NÃO SÃO AS PALAVRAS DE UM HOMEM SINCERO,  
POR CAUSA DA LUA

ESSAS NÃO SÃO AS PALAVRAS DE UM HOMEM ADULTO E LIVRE,  
POR CAUSA DO ENFORCADO

Nenhuma das cartas fala de desejo, amor ou lembranças.  
Em confronto com a confusão da LUA, a distração e a poligamia  
do LOUCO, o cansaço, a lassidão e o desinteresse pelos outros  
do EREMITA, o desespero suicida do ENFORCADO,  
ele tenta através da IMPERATRIZ fazer um último esforço para explicar.  
O que está por trás dessa carta é pior do que o que ela diz.  
É a carta de um homem que está desesperado, ameaçado,  
que teve que fazer um grande esforço para conseguir dizer alguma coisa.

PSIQUIATRA  
Françoise Gorog



Um homem

Uma mulher



## LATINISTA

### Anne-Marie Ozanam

1

Os latinos costumavam se identificar no começo da carta, e não no final. Eu utilizei *ignotus* para traduzir X, que significa, como em *Harry Potter*, aquele cujo nome não deve ser pronunciado – *cuius nomen non dicendum est*.

2

Já que a palavra “email” obviamente não existe no latim clássico, eu adotei a tradução proposta no *Lexicon Recentis Latinitatis*, publicado pelo Vaticano (Libreria Editoria Vaticana).

3

Para traduzir “dizer o que tenho a dizer de viva voz”, eu escrevo: “dizer, eu presente a você presente”, fazendo um pasticho da famosa fórmula utilizada por Suetônio (*A vida de Tito*, VII) quando Tito deixa Berenice: *Berenicen dimisit invitus invitam* (ele a deixa contra a própria vontade e contra a vontade dela).

4

*Quodam*: para atenuar o que seria (o que é) a natureza exagerada da seguinte formulação feita pelo cavaleiro: “uma espécie de angústia terrível”.

5

Tentei explorar o uso do poliptoto (repetindo a raiz *currere*: *procurrere*, *praecurrere*) para transmitir a metáfora do cavaleiro (“seguir adiante para tentar superá-la”).

6

Hesitei na tradução de “a quarta”. Eu deveria entender literalmente essa expressão e imaginar que o cavaleiro já tivesse outras três namoradas? Nesse caso, eu deveria ter escrito: *ne fieres umquam quarta amica mea* (= que você nunca se tornaria minha quarta namorada). Mas creio que as aspas nos levam a dar à expressão um sentido mais figurado (como popularmente se diz “ser apenas mais uma”, ou “servir de estepe” ou “fazer parte do harém”). Para os gregos e romanos, o equivalente seria “ser o tritagonista” (o terceiro ator), aquele que tem o papel de “coadjuvante”, digamos (os povos antigos os chamavam de “terceiros papéis”: em latim, *agere tertias partes*). Para manter a alusão às quatro namoradas, escrevi: “representar os quartos papéis”, que não existe na Antiguidade, mas que, sem dúvida, corresponderia aos nossos pobres “figurantes”.

7

Entendo que “essa semana” tem um sentido um tanto vago (recentemente). Se realmente quer dizer sete dias, exatamente, poderíamos escrever: *septem ante diebus*.

8

Entendo perfeitamente que se trata de “procurar” pelo telefone (meio de comunicação que era obviamente desconhecido pelos latinos). Mas, em vez de buscar um equivalente no *Lexicon Recentis Latinitatis*, eu deliberadamente dei ao verbo “procurar” um sentido de afirmação de autoridade. *Evocare* é a palavra usada quando um general chama seus soldados para voltarem ao serviço (= ele os recruta). O cavaleiro procura as suas amigas, que por definição estão à sua disposição, quase da mesma maneira que o dono assobia para chamar seus cachorros.

9

Devo admitir que eu não tinha certeza se “a doçura com a qual me trata” era objeto de “apreender” ou de “sentirei saudade”. De qualquer maneira, a frase soa estranha. “Apreender a doçura” não é muito feliz, mas coordenar o substantivo “doçura” com uma série de verbos que são complementos de “sentirei saudade” (“deixar de ver... falar... apreender... e sua doçura – coisas das quais sentirei uma saudade infinita”) me parece ainda mais sem sentido. Colocando de forma suave (e sejamos bem-educados aqui!), é um zeugma bastante ousado. Além disso, o cavaleiro está bastante atarefado com suas negações. Poder-se-ia dizer: “Sentirei saudade”, “Sentirei saudade da maneira como você vê as coisas”, mas qual o significado de “deixar de ver você... sentirei uma saudade infinita”? A linguagem popular usa esse tipo de frase às vezes, mas é absurdo e impossível traduzir para o latim. Então, tive que me afastar do texto para conseguir dar a ele um mínimo de coerência.

10

Essa sucessão de orações subordinadas (e muitas vezes relativas) está to texto. Sinto-me na obrigação de reproduzi-la, apesar de não considerar isso muito feliz.

11

A irrealidade do passado, ou uma afirmação atenuada? Escolho a irrealidade.

12

Os latinos sempre terminavam suas cartas com *uale* (continue bem). E é um tanto interessante o fato de o cavaleiro ter repetido essa fórmula de despedida. Não posso deixar de pensar no selo com o qual Rodolfo lacra sua carta de separação à Emma Bovary, que carrega o dito: *Amor nel cor*.

SUBEDITORA-CHEFE  
Sabrina Champenois

O inferno,  
sem os outros

Amante rompe  
e afirma que motivo  
é respeito pelo  
pacto inicial.  
Honestidade ou covardia?

## ESCRITORA DE LIVROS INFANTOJUVENIS

### Marie Desplechin

#### A Pena do Diabo

Sentindo que suas últimas horas estão prestes a chegar, um pobre viúvo pede que chamem seu único filho ao seu leito. “Meu filho”, disse ele, “a única herança que tenho para dar para você é essa varinha mágica que me foi deixada por sua mãe. Cuide bem dela, pois ela lhe concederá três desejos. Mas também tome cuidado, pois o Diabo a enfeitiçou”. Ao pronunciar essas últimas palavras, ele se foi, e seu filho ficou profundamente triste.

Chorando copiosamente, o jovem cortou dois troncos de carvalho e fez uma cruz. Depois, laboriosamente, cavou no chão duro um buraco grande o suficiente para enterrar seu pai, fincou a cruz no solo árido e rezou para Deus receber a alma de seu pai no Paraíso. Ao final do ritual, ele inspecionou sua terra. O solo era fino e havia pedras por todos os lados. Sob o sol escaldante, a grama crescia tão rala e amarela que não serviria para alimentar uma cabra sequer. O jovem colocou seus poucos pertences em uma sacola, pegou a varinha mágica e partiu, deixando a cabana para trás. Ele pegou a estrada, pois qualquer coisa que lhe aguardasse ao final da jornada não poderia ser pior do que o destino que lhe estava reservado, caso ele ficasse. Pelo menos era isso o que ele pensava, pois era jovem e acreditava que havia um futuro melhor à sua espera.

Após andar três dias e três noites por uma paisagem árida, encontrando apenas gafanhotos e corvos pelo caminho, ele estava tão faminto que foi acometido por uma grande fraqueza. Sentado à sombra de um arbusto cheio de espinhos, ele se preparava para a morte quando seus olhos pousaram sobre a varinha mágica. “Que me importa se você foi enfeitiçada pelo Diabo?”, ele disse a ela. “Um homem que se prepara para a morte não pode esperar mais nada do Paraíso. Que utilidade você terá depois que eu for apenas uma carcaça seca debaixo de um junípero?” Quando ele terminou de falar, a varinha começou a tremer. “Dê-me algo para comer”, ordenou o jovem, “e sacie a minha fome até eu chegar ao meu destino”.

Imediatamente, os arbustos ao seu redor começaram a reviver e ficaram cobertos de doces e suculentas frutas que ele nunca tinha visto. Um córrego nasceu no caminho, preenchendo o ar com seu suave murmúrio, e o jovem precisava apenas se abaixar para beber da sua água, cristalina e perfumada. Ao saciar sua sede, ele se levantou e viu uma garota andando em sua direção. Ela carregava uma cesta cheia de aves assadas e um tipo de picadinho que lhe foi oferecido sem que ele precisasse pedir. Depois de satisfeito, nada desapareceu: nem o córrego, nem as árvores, nem a garota; ao contrário, eles reapareciam durante o percurso. “Se o Diabo é tão generoso me dando comida”, pensou o jovem, “então o Diabo é meu amigo”. E todo o medo que ele antes sentia desapareceu.

Mais três dias e três noites se passaram e o jovem continuava a caminhar. A estrada era sinuosa e levava de um pomar de pêssegos a um pomar de cerejas, mas, em meio a tudo isso, ele não encontrou qualquer vilarejo ou aldeia ou pessoa, a não ser a garota da cesta que não falava uma palavra. Ele tinha a sensação de que a estrada se repetia, pois apareciam sempre as mesmas coisas, como se ele desse infinitas voltas na praça de um vilarejo. Ele foi tomado de um grande cansaço e sentou-se. “Para que continuar”, ele disse, “se eu apenas me canso nessa estrada que não dá em lugar algum?”

Ele estava quase se entregando ao desânimo, quando olhou para sua varinha mágica. “Ah, coisinha do Diabo”, ele disse, “tire-me deste círculo vicioso e leve-me para um lugar charmoso e agradável, onde eu possa conhecer pessoas de quem eu goste!” Ele pensou ter visto a varinha se curvar, como se concordasse e, quando fitou novamente a estrada, ficou encantado em ver que ela era agora uma reta. A menos de cem metros estavam as primeiras casas de uma cidade cujas torres e campanários emergiam no horizonte, e de longe ele ouvia um alegre som de sinos, órgãos e fanfarras. “Se o Diabo é tão generoso a ponto de me dar companhia”, pensou o jovem, “então, o Diabo é meu amigo”. E nasceu nele um sentimento de gratidão pelo Diabo.

Apesar das roupas empoeiradas, o jovem rapaz estava bem alimentado e cheio de esperança, então, ele parecia disposto e saudável ao chegar à cidade. As pessoas da cidade, todos muito bonitos e vestidos de acordo com sua óbvia riqueza, o receberam da forma mais calorosa que existe. Todos queriam saber quem ele era e bastava ele começar a falar para que as pessoas corressem em sua direção para aplaudi-lo. Ele mal tinha passado pelo portão da cidade e todos já queriam lhe dar as boas-vindas, lhe oferecer acomodação, convidá-lo para refeições. Ele ficou amigo de todos, especialmente das garotas que pululavam ao seu redor. Ele escolheu três delas para serem suas namoradas e elas nunca mais o abandonaram, encantadas com o fato de serem as favoritas. O jovem rapaz pensou ter chegado ao apogeu. Ele trancou a varinha mágica em um armário, a varinha que tinha sido responsável pela sua felicidade. “O que mais eu poderia pedir a você?”, ele disse. “Você me deu tudo o que eu poderia desejar.”

Naquele momento, um profundo silêncio se abateu sobre a cidade e todos os olhares se desviaram dele. Em todo lugar, os transeuntes abriam caminho. Nas ruas, estava formada uma imensa multidão e todos os olhares estavam fixos no castelo. O jovem rapaz se perguntava que tipo de evento explicaria esse fervor, quando viu uma procissão de homens de túnica precedida de centenas de tocadores de tambor e rodeada por um batalhão de mulheres armadas. No centro da procissão, sentada em um brilhante palanquim apoiado no ombro de oito homens enormes, estava uma mulher cujo cabelo negro era circundado por uma coroa de ouro. Conforme avançava, a Rainha sorria e acenava para seus súditos. Convencido de ser o mais encantador de todos os homens, o jovem rapaz esperou que ela parasse para cumprimentá-lo, mas o comboio passou e a Rainha sequer desviou o olhar. Foi como se ele não existisse. Ao expressar sua surpresa a uma das suas três amigas, ela logo o tranquilizou: “A Rainha sai todos os dias. Se ela não o viu hoje, tenha certeza de que amanhã o verá”.

Mas nem no dia seguinte ou no outro, nem nos dias que se seguiram, o olhar real dignou-se pousar sobre o infeliz rapaz. A procissão passava e a Rainha o ignorava, e ele ficou tão irritado que perdeu o apetite e não conseguia mais dormir.

“Para que viver, se a Rainha sequer sabe que eu existo? Eu deveria ter ficado nas terras de meu pai, onde não havia ninguém para me desprezar.”

Então, ele correu para a casa onde morava, tirou a varinha mágica do armário e bateu violentamente com ela no chão por três vezes.

“Em nome do Diabo”, ele gritou. “Eu quero que a Rainha me ame! Este é o meu último desejo, independentemente do preço que eu tenha que pagar!”

O Diabo, que cochilava nas profundezas da Terra, dentro de uma fenda cheia de pus, poeira e sangue, abriu um dos olhos e levantou-se alegremente. Há muito tempo ele não tinha muito que fazer na Terra, já que

tanto Deus quanto o homem invadiram um pouco o seu território, fazendo o mal tão bem quanto ele. Ultimamente, lhe restava apenas esperar pela oportunidade de fazer um ou dois feitiços, e isso ele podia fazer dormindo: nada mais natural para o Diabo do que criar uma galinha para alimentar os famintos ou alterar estradas para fazer as pessoas se perderem. Em outras palavras, ele estava feliz por ter sido chamado. Ficar desempregado é tão chato para o Diabo quanto para qualquer um.

Os golpes com a varinha tinham aberto um buraco profundo até a crosta da Terra e o Diabo entrou nele para subir em direção à luz. Seu rosto surgiu na superfície e ele sorriu para o rapaz.

“Olá”, ele disse rapidamente, “eu sou o Diabo. Fui muito bem treinado, tenho ótimas referências e posso começar imediatamente. E posso ajudar você mais do que você imagina”.

O rapaz deveria ter desconfiado, pois o Diabo nunca dá alguma coisa sem pedir outra em troca e, em geral, o preço a ser pago é a vida do pobre coitado que recorreu a ele.

“Eu irei com você”, sugeriu o Diabo. Afinal de contas, ele não tinha nada melhor para fazer e estava contente com a ideia de poder se divertir um pouco. “Eu a farei amar você.”

Feliz da vida, o jovem rapaz beijou o crânio peludo que saía do chão.

“Mas”, ele acrescentou perfidamente, “se o seu amor vier a acabar, eu nada poderei fazer por você”.

“Ele nunca acabará”, protestou o jovem rapaz, “porque eu sou uma daquelas pessoas cujo amor é eterno”.

“Como desejar, meu rapaz”, concordou o Diabo. E rapidamente, ele emergiu do chão na forma de um ganso com penas de cor cinza e negra, além de um bico pontudo e afiado.

Daquele momento em diante, o ganso nunca mais saiu de perto do jovem rapaz e os dois eram vistos juntos o tempo todo pela cidade, juntamente com as três garotas apaixonadas.

O jovem alimentava o ganso com as melhores comidas, lhe deu uma poltrona macia para dormir e perfumava suas penas, que às vezes exalavam um odor de putrefação do subsolo. O Diabo nunca tinha sido tão paparicado e não fez questão de agir com pressa. Até que um dia, o jovem rapaz, cansado de ver que a Rainha não se dignava olhar para ele, pegou o ganso pelo pescoço.

“Faça com que ela goste de mim ou eu baterei em você com a varinha até suas penas saírem voando em todas as direções!”

“Largue-me”, gemeu o ganso, “e eu resolverei tudo para você”. Com o bico, ele puxou três penas das suas asas.

“Com a primeira, você desenhará um retrato seu que será enviado para a Rainha. Com a segunda, você desenhará o retrato dela, a ser enviado para ela no dia seguinte. Com a terceira e última, você desenhará o retrato de vocês dois juntos e enviará no outro dia. E na manhã do quarto dia, ela amará você. E digo isso com a mesma certeza que tenho de que sou o Diabo.”

O jovem rapaz partiu para o trabalho. Ele se colocou na frente do espelho, parou, molhou a primeira pena na tinta e desenhou suas próprias feições em uma folha de papel branco da melhor qualidade. Apesar de não ter qualquer experiência, sua mão deslizou no papel, desenhando um retrato perfeitamente parecido com ele. O ganso o observava com um ar maldoso, balançando levemente sua pequena cabeça; e, a cada movimento, o desenho tomava forma e parecia ganhar vida. Ao terminar, o jovem rapaz o contemplou com orgulho.

“Quem imaginaria que eu fosse tão talentoso?”, ele perguntou ao ganso. E, naquela mesma noite, ele confiou o retrato à primeira de suas amigas para ser levado à Rainha.

No dia seguinte, ele colocou em seu cavalete um pequeno retrato da Rainha. Era uma gravura feita por algum artista da cidade e que podia ser comprada na rua a preço de banana. Ele pegou a segunda pena

do ganso e com a mesma facilidade do dia anterior, em poucas horas, desenhou um retrato tão bonito que parecia vivo.

“Meus retratos têm mais vida do que a própria vida”, ele exclamou com entusiasmo.

A segunda amiga concordou em levá-lo ao palácio.

No terceiro dia, com a terceira pena, em poucos minutos ele desenhou o retrato duplo no qual estava o seu rosto, juntamente com o da Rainha. Eles eram tão bonitos, e seus olhos eram tão cheios de lealdade que, ao vê-los juntos, era impossível imaginá-los separados.

“Rápido, leve para a Rainha o retrato que eu fiz”, ele disse, entregando-o a sua terceira amiga. “Desta vez ela não tem outra escolha, a não ser me amar, pois sou um artista incomparável.” Ele continuou a falar sem parar sobre seu dom para pintura, mas, na verdade, tudo era trabalho do Diabo.

No quarto dia, o cortejo real parou ao se aproximar do jovem rapaz. Inclinando-se para frente, a Rainha o convidou para se juntar a ela no palanquim. Ele subiu e sentou-se bem perto dela, sem dar a menor atenção para as suas amigas ou para o ganso, abandonando-os como se fossem trapos velhos caídos de sua mala. O ganso e as amigas o observaram desaparecer ao longe. As garotas choraram, mas o ganso abria e fechava o bico avidamente, seus olhos brilhavam como diamantes e suas penas se arrepiavam.

Assim como todos os seus súditos, a Rainha era bela e carregava os atributos da sua riqueza com grande elegância. Ela governava seu reino com sabedoria, administrando favores e punições devidamente. Mas, às vezes, ela sofria com o tédio, pois seus dias eram todos iguais: sempre a mesma história de governar sabiamente, administrando os favores e as punições e saindo em procissão para ver seus súditos. A chegada dos três retratos, a surpresa que lhe causaram e a admiração que ela sentiu fizeram com que ela se apaixonasse pelo jovem rapaz. Ela o cobriu de bondade e lhe ofereceu todos os prazeres da corte. O jovem ficou mimado com seu amor, orgulhoso de ser o amante de uma rainha tão bonita; mas ele estava com ela há apenas três dias, quando começou a temer que seu embuste fosse revelado e que sua felicidade lhe fosse arrancada.

Sem a ajuda do ganso, ele não poderia atender aos pedidos de sua amante por mais retratos. E por se sentir fraco e desprotegido, ele começou a desejar que a Rainha ficasse mais fraca e desprotegida ainda, para mantê-la sob seu poder.

Com o intuito de deixá-la mais dependente, ele pediu a ela que cortasse um de seus braços para lhe dar de presente.

“Então, eu terei a mais completa prova do seu amor”, ele disse, abraçando-a.

A Rainha, que o amava de perdição, cortou seu braço direito e o mandou para ele em uma cesta de cedro. O jovem rapaz se deu por completamente satisfeito, mas sua paz não duraria muito tempo. Foi em vão vê-la de vestido real, com uma manga solta flutuando ao seu lado: ele ainda temia que ela o abandonasse. Então, pediu a ela que arrancasse um olho e desse de presente a ele.

“Então terei finalmente certeza de que você me ama mais do que qualquer coisa”, ele disse a ela.

A Rainha chamou seu cabeleireiro para arrancar seu olho direito e, depois, mandou colocá-lo em uma caixa de jacarandá a ser posta no travesseiro do jovem rapaz. Mais uma vez, ele sentiu apenas um breve sentimento de gratificação: foi em vão olhar para o rosto dela e ver a cavidade do olho vazia, pois o medo de ser desmascarado lhe tirava toda a paz de espírito.

Ele foi ter com a Rainha e pediu a ela que abrisse mão da liberdade: “Dessa forma, você será completamente minha e eu serei feliz”.

Com seu olho esquerdo, a Rainha procurou sua liberdade. Com seu braço esquerdo, ela a agarrou e a estrangulou. Ela colocou o pequeno cadáver em uma caixa de eucalipto e levou para seu amante. “De agora em diante, sou completamente sua”, ela disse, “e não tenho outra vida, além daquela que pertence a você”.

O jovem rapaz foi dormir feliz. Ele beijou ardentemente sua esposa, que estava deitada ao seu lado, sem um dos olhos e sem um dos braços. Mas, enquanto os dois amantes dormiam profundamente, um vento forte vindo das profundezas da Terra abriu a janela do quarto para fazer entrar o grande ganso negro. Após remexer no seu peito com o bico, o ganso puxou um punhado de penugem cinza e esfregou nos olhos do jovem rapaz durante um longo tempo. Sua tarefa estava, então, completa, e ele saiu voando da mesma forma que entrou. A noite voltou a ser calma, e a janela dos aposentos reais fechou sozinha.

De manhã, o jovem rapaz abriu seus olhos e olhou com surpresa para a mulher deitada ao seu lado.

“Você tem apenas um braço. O que você fez com seu braço direito?”, ele perguntou a ela.

“Meu querido, eu o cortei para merecer o seu amor”, respondeu a Rainha.

“E você tem apenas um olho. O que você fez com seu olho direito?”

“Meu querido, eu o arranquei para merecer o seu amor.”

“Você parece um animal abjeto. O que você fez com sua liberdade?”

“Meu querido, eu a estrangulei para merecer o seu amor”, disse a pobre Rainha, com lágrimas saindo do único olho que ela tinha.

O jovem rapaz tentou se lembrar em vão: ele só conseguia se lembrar das suas três amigas, cujo olhar não era nobre, mas tinha seis olhos. Ele tentou se lembrar novamente, mas via apenas as silhuetas das suas três amigas, que não se comparavam à figura real, mas ainda tinham seis braços. Tentou se lembrar ainda outra vez, e começou a ficar com saudade das suas três amigas. Ele não as via há muito tempo e estava curioso para saber o que elas tinham feito com suas liberdades.

Ao esfregar a penugem nos olhos do rapaz, o ganso apagou qualquer sinal do amor dele pela Rainha.

“O que essa mulher quer de mim com todas essas histórias?”, ele se perguntou apreensivamente.

“Eu nunca pedi nada tão absurdo assim.”

E, enquanto a Rainha chorava em silêncio, sem olhar para ele, ele saiu da cama e foi embora.

Fora do palácio, o ganso estava esperando de prontidão na rua pavimentada. O jovem rapaz correu em sua direção.

“Estou com um grande problema”, ele disse. “O amor que a Rainha tem por mim é um fardo. Em nome da nossa antiga amizade, e mesmo que eu não possa mais fazer pedidos para a varinha, eu imploro que me liberte dela!”

O ganso se moveu, depois virou a cabeça em direção ao seu rabo magnífico e suntuosamente emplumado e escolheu a pena mais longa e lustrosa. Ele a pinçou com seu bico e a puxou até tirá-la da pele. Ele a estendeu para o jovem rapaz.

“O mais importante de tudo: não olhe para trás”, ele lhe disse. “Pegue esta pena e escreva uma carta que eu entregarei pessoalmente. Dessa forma, você se livrará da Rainha, e tudo será do jeito que você quer.”

De volta à casa onde morava, o jovem rapaz sentou-se à mesa para escrever. Uma folha de papel apareceu como que por milagre em sua frente e, mais uma vez, sua mão parecia flutuar enquanto ele escrevia.



*Mas pelo menos será por escrito, dizia a carta. Como você pôde ver, não tenho estado bem ultimamente. Jamais menti para você e não é agora que vou começar. Mas hoje, seria a pior das farsas manter uma situação que você sabe tão bem quanto eu ter se tornado irremediável. Gostaria que as coisas tivessem tomado um rumo diferente. Cuide de você.*

Enquanto o jovem escrevia, o ganso, que estava debaixo da mesa, não parava quieto.

“Eu não sabia que tinha tanto talento para a escrita”, suspirou o jovem rapaz ao reler e lacrar sua carta.

Ele estava muito orgulhoso, mas isso tinha sido trabalho do Diabo.

“Não tente encontrar a Rainha”, ele aconselhou o ganso ao lhe estender a carta, “pois eu temo que ela tente se vingar e tente empalhá-lo. Deixe a carta em um lugar onde ela possa achá-la e volte para me encontrar, pois agora eu preciso de você mais do que nunca”. O ganso pegou a carta no bico e voou em direção ao palácio.

A Rainha ainda estava em seus aposentos, deitada na cama, sentindo-se terrivelmente triste. Ao ver sua janela se abrir e um ganso negro e grande entrar, ela logo imaginou que o destino do seu amor estava selado.

“Você é um mensageiro do mau agouro”, ela disse, virando seu belo rosto na direção dele. “E eu sei a notícia que você traz.”

“Ah, não”, respondeu grosseiramente o pássaro. “Você não sabe de absolutamente nada. Espere para ler esta carta antes de dizer o quão infeliz você está.”

“Por que você é tão malvado?”, perguntou a Rainha em um tom amável e curioso.

“Eu não sou malvado”, disse o ganso. “Eu sou o Diabo.”

Ela a deixou ver o conteúdo da carta. Ao ler, em vez de chorar ainda mais, a Rainha ficou vermelha de raiva.

“Maldito!”, ela exclamou. “Eu dei meu braço, meu olho e minha liberdade a um escritor de cartas covarde.”

Ela agarrou o ganso pelas pernas e o segurou de cabeça para baixo.

“Você não é o Diabo”, ela gritou. “Você não passa de uma ave doméstica vulgar e eu vou empalhá-lo.”

O Diabo não estava com medo de ser empalhado, mas com muita raiva por ser caluniado daquela maneira.

“Eu sou mesmo o Diabo”, ele protestou, “e eu vou provar a você. Vá e pegue para mim as três caixas que você estupidamente deu ao seu amante, e eu lhe devolverei tudo!”

A Rainha fez o que lhe foi pedido e o Diabo lhe devolveu seu braço, seu olho e sua liberdade.

“E agora”, disse a Rainha, “devolva-me ele, porque eu quero ter uma retribuição à altura”.

“Boa senhora”, disse o Diabo, “a senhora pode resolver sozinha essa questão. Estou cansado de tudo isso e vou para casa”.

Rapidamente, o ganso assumiu a forma do Diabo, que parece um homem de pernas arqueadas e patas de cavalo. Um abismo abriu na sua frente e, sem hesitar por um segundo sequer, o Diabo mergulhou para dentro dele. Ele mal tinha desaparecido quando o abismo fechou novamente. Foi como se o Diabo nunca tivesse sequer pisado na Terra.

O jovem rapaz esperou o retorno do ganso. Ele estava ansioso para saber como a Rainha tinha reagido à carta e esperava sinceramente ter-se livrado dela para sempre. Ao ouvir um barulho na sua porta, ele correu para abri-la, mas, em vez do Diabo, lá estava a Rainha, rodeada pelas mulheres armadas de seu batalhão.

“Traidor!”, ela explodiu. “Mentiroso covarde!”

As mulheres pegaram o pobre rapaz e o arrastaram, sem dar atenção às suas lágrimas e súplicas, para ser empalhado na cozinha real. Durante suas procissões diárias, o prazer da Rainha era exibi-lo entre seus tocadores de tambor, com o objetivo de causar espanto em seu povo e assegurar que no futuro ninguém provocasse a ira real com cartas insensatas.

## JUÍZA X.

Um jurista verá essa carta como a ilustração dos princípios fundamentais do nosso direito civil, pois ela se refere à conclusão e execução de contratos.

O que é um contrato? É um acordo voluntário entre duas pessoas, cujo consentimento deve ser livre e ciente, para criar certa situação e organizar de forma precisa as regras segundo as quais ela funciona. Cada parte contratante entende que se beneficiará do contrato, mas, em troca, estará sujeita a certas obrigações.

O recipiente desta carta estabeleceu uma condição na conclusão do contrato amoroso com o remetente: a amante não deve se tornar a “quarta”. Está claro que o amante achou essa condição um tanto severa desde o início. Entretanto, ele a aceitou, ciente de que, sem tal compromisso de sua parte, o contrato não teria sido concluído.

Após honrar o contrato por algum tempo, o amante está a ponto de quebrar essa cláusula fundamental do contrato, de forma irreversível. A parte cocontratante terá o direito de usar isso como base para pedido de rescisão, ou seja, anulação do contrato.

Então, por honestidade ou conveniência, o autor da carta antecipa a rescisão do contrato.

Um jurista também chamaria atenção para a extrema contratualização do relacionamento, pois não só as leis que regem o relacionamento foram precisamente acordadas, mas também as regras que regem a consequência do mesmo: o relacionamento amoroso não poderia ser seguido de amizade em hipótese alguma.

De maneira geral, esta carta ilustra claramente o fato de que a forma como uma relação amorosa é conduzida não é muito diferente da negociação e execução de um contrato de aluguel comum. Vinda de um jurista, tal afirmação não deveria ser vista como um sinal de cinismo; pelo contrário, ela expressa o interesse, a riqueza e a sutileza com os quais eles creditam os relacionamentos amorosos.

## ETNOMETODOLOGISTA

Barbara Olszewska

Ruptura sentimental, ruptura tecnológica?

\_\_: (clic clic clic) no dia em que deixássemos de ser amantes,  
\_\_\_\_\_ [clic clic clic clic clic] (perda de texto,  
rápido deslizamento em aclave, atividade de pesquisa) seria  
inconcebível para você me ver. Você sabe que essa imposição me parece  
desastrosa e injusta (já que você ainda : vê\_\_\_\_\_ B\_\_\_ e R\_\_\_\_\_...) {e compreensível  
(obviamente...)} (omissão);\_\_\_\_(clic) com isso, jamais poderia me tornar seu amigo.  
Mas hoje, você pode avaliar a importância da minha decisão (clic) uma vez  
(clic) que estou disposto a me curvar diante da sua vontade,  
pois deixar de ver e de falar com você, de apreender o seu olhar  
sobre as coisas e os seres e a doçura com a qual você me trata\_\_(clic)-- são coisas das quais sentirei uma  
saudades infinita. \_\_\_\_\_[clic clic clic clic clic](nova perda)

## ESCRITORA DE CARTAS

Rafaèle Decarpigny

...

Há muito tempo você foge de tudo, em direção à sua própria destruição e, para mim, sua carta é a confirmação. Mas suponho que você saiba disso... Não há nada que eu ou qualquer “outra” possa fazer.

Eu poderia expressar incompreensão, tristeza, raiva. Eu poderia lhe dizer que apenas o fato de responder a essa mensagem seria demonstrar interesse demais. Eu poderia lhe dizer que teria preferido uma “boa conversa aberta” (?) a essa prolixidade na qual você mergulha, como que para esconder sua evasão e as “razões” para ela.

... E... bem.

Não, eu nem cogito ver você. E você entenderá que eu queira manter a maior distância possível entre nós. Não haveria sentido em iniciar algo que seria apenas uma prolongação de nossas despedidas.

## ESCRITORA DE PALAVRAS CRUZADAS

### Catherine Carone

#### HORIZONTAIS

1. Neologismo desesperado do amante que se vê em meio aos tormentos do amor. Acordo no Kremlin.
2. Filé mignon. Assunto cotidiano, sofrimento para o autor da carta. Podemos imaginar o prazer que ele sente. Um solitário que ela gostaria de ter para si.
3. Último recurso do amante abandonado. Emoção provocada por uma repentina tempestade nas águas calmas do amor. Possessivo.
4. Artigo. Apago as chamadas do amor. Escolher entre as “Outras”.
5. Mudou de tom. O autor da carta se colocou atrás dele. Tão difícil de engolir quanto uma carta de rompimento.
6. Mostra elevação. Pai de Hedda Gabler. Variante de “Não me deixe!”
7. Abandonada às pressas por causa de outros prazeres. Ocupava o ocupado. Vá rápido!
8. Que está na moda. Ela o amava, ele a amava, mas era temporário. Terra natal de Abraão. Santo dos Pireneus.
9. Futuro próximo quando o choque do rompimento não passará de uma vaga memória. Ingênuo. Conjunção. Chegaram ao final.
10. Boa ação. Cortado na base. Preferível ao autor da carta às astutas artimanhas do jogo amoroso.
11. Por um fio. Pequeno circuito. Presente no sangue.
12. Suportar. Mulher de coral. Provençal, OK.
13. Seu lugar certo é entre o 5 e o 7. Lugar raso na costa. Ouvido em caravanas de nômades.
14. Passo crucial para o amante forçado a terminar. Item de bazar.
15. As posições do amor abominadas pelo orgulhoso escritor da epístola. Jovem em sua primeira viagem ao redor do mundo. Oleaginoso.
16. Fim do dia. Escala de música. Privada de um prazer. Eminências marinhas.
17. Se apossar do bem do outro. Entrar na arena. Iniciais papais.
18. A serem banidas para a exclusiva vantagem da ÚNICA. Como o efeito do grande amor antes do choque da separação.

#### VERTICAIS

- A. Nunca mais. Profundamente emocionada.
- B. Sem roupa íntima, pronta para o amor. O boi antes da carroça. Produtos do cotidiano. Desencadeou um contra-ataque.
- C. Promessa de jogos amorosos. Ato de autoridade. Forma de poder.
- D. Última palavra. Como o autor da carta antes de ser possuído pelo demônio da dispersão. Bom para servir ou não presta para mais nada.
- E. O que é cruel recusa essa alternativa possível depois do amor. Campo de sereias. Possessivo. Dar o dia.
- F. Peça montada no Japão. Possuía. Que te pertence (fem.). Contar lenhas. Esquadro.
- G. Um lugar que a inspiração da carta julga ser indigno dela. Restos no caixão. Pérolas cultivadas.
- H. Indispensável para colocar os votos. Bonito de se ver. Pele com sulcos.

- I. Para o apostador ou alcoólatra. Agradável ou muito desagradável na boca.  
 J. Fica com a melhor parte. Começar um processo legal. Poema antigo. O indiano é muito apreciado.  
 K. Em todo o seu esplendor. Agente da percepção. Sempre se apresentando em Paris.  
 L. Pronome. Pergunta sobre lugar. Cai bem. No ar ou na água.  
 M. Experimentar. Palavra de reconhecimento. Traz água para o engenho.  
 N. Velocidade de cruzeiro. Duro como ferro. Debaixo de um colchão romeno.  
 O. Senhora do jogo, falsa vítima de um rompimento pelo qual ela certamente esperava.  
 P. Balanço desse rompimento: o duplo fracasso da amizade e do amor. Originário.  
 Q. Completamente chatas. Apresentação. Pronome.

### TRADUÇÃO DAS RESPOSTAS

#### HORIZONTAIS

1. Desassossego. Sigla: Desejos para o Futuro.
2. Restaurante. Amor. Piolho de cobra. Verme.
3. Recuar. Angústia. Sua.
4. O. Extingo. Triar.
5. Alterou. Muro. Amargo.
6. Ergue. Ibsen. Fique.
7. Largada. Serviço de Trabalho. Saia.
8. In. Amante. Ur dos Caldeus. Pé.
9. Depois. Inocente. E. Descobriram.
10. BA. Raso. Honestidade.
11. Ligada. Volta. Ureia.
12. Sofrer. Contralto. Sim.
13. Seis. Estuário. Romani.
14. Decisão. O.
15. Farsa. Debutante. Prímula.
16. UR. UT. Prejudicada. Ilhas.
17. Usurpar. Tourear. Sua Santidade.
18. Outras. Benéfico.

#### VERTICAIS

- A. Irremediável. Comovida.
- B. Nua. Bisão. Pães. Armou.
- C. Prazer. Decreto. Controle.
- D. Gemido. Generoso. Cozido.
- E. Amigo. Mar. Sua. Datar.
- F. Nô. Tinha. Tua. Medir em estere. T.
- G. Quarta. Ossos. Mergulhadas.
- H. Urna. Belo. Enrugada.
- I. Gin. Morango.
- J. Leão. Acionar. Lai. Verão.
- K. Radiante. Tato. Odeon.
- L. Eles. Onde. Orna. Re.
- M. Testar. Recibo. Barragem de acumulação.
- N. Velocidade econômica. Cromo. Leu.
- O. Sophie Calle.
- P. Desastroso. Oriundo.
- Q. Niveladas. Sessão. Se.

NT: Algumas soluções não foram traduzidas, pois se tratam de “cavilhas”: palavras falsas criadas apenas para completar o jogo, muito comuns em cruzadinhas de língua francesa.

## JOGADORA DE XADREZ

Nathalie Franc

O preto desiste.

O jogo não poderia ter continuado? Olhemos com mais atenção.

Ele é o Rei preto. Ele é frágil, malprotegido por seus Peões, exposto às ameaças das peças brancas. Ele não está em xeque-mate, ele não está sendo diretamente atacado, mas isso poderia acontecer em breve. Ele não o será: ele está deitado, o que significa o final do jogo já perdido.

Com ele, as três Outras: três Torres. A Torre, uma peça neutra. A segunda peça feminina, muito menos valiosa e poderosa do que a Rainha. Pode-se ficar fascinado pelos Peões, que têm o poder de se transformar; pelos Cavalos, que podem se mover sobre as demais peças; pelo Bispo; pela Rainha, que tem o maior campo de ação; mas raramente pelas Torres, com seus movimentos previsíveis, funcionais e eficientes, em linha reta.

Que tipo de jogador de xadrez diria que sua peça favorita é a Torre?

Três Torres, então, porque não sabemos nada sobre os movimentos neste jogo. Tudo o que podemos ver é a posição final. Três Torres. Um cenário incomum, mas possível. Algumas decisões estranhas devem ter sido tomadas para se chegar a esse ponto.

Um Peão preto, também: proteção frágil e mínima que talvez pudesse ter mudado tudo se tivesse tido a chance, se o Preto não tivesse desistido do jogo prematuramente.

Em frente ao Rei preto, está o Rei branco. Ela. Seu *alter ego*. Diferente e semelhante. Aqui, o Rei branco avançou no tabuleiro e está protegido por outras peças. Cavalos próximos a ele, Bispo na longa diagonal: parece seguro. Mais à frente, Peões que avançaram bastante. No xadrez, cada Peão tem a esperança de evoluir; é a única peça cuja condição pode mudar! Aqui, os Peões brancos avançaram juntos, como uma promessa de mudança. Será que eles assustaram o Rei preto de tal forma que ele não consegue considerar sua permanência no confronto?

É a vez das peças pretas jogarem. A posição final não era clara. Ela mudaria, a cada jogada. Um jogo de xadrez não pode parar no tempo. Cada lado faz suas escolhas, às vezes de forma intuitiva, às vezes depois de pensar muito, sem conseguir calcular todas as consequências. Porém, é difícil não se arrepender dos erros cometidos quando se perde o jogo.

Dizem que nunca se deve desistir no jogo de xadrez. Que um jogo só deve acabar com o xeque-mate.

Aqui, a única saída teria sido sacrificar as Torres pretas, mas não podemos saber qual seria a reação de cada lado.

O Rei preto está deitado.

## ESCRITORA Christine Angot

Então, alguns meses depois, reli a carta de X. Foram meses nos quais eu mudei. Durante os quais compreendi muitas coisas. E tudo o que eu havia escrito me soou absurdo.

Burro, cego e até perigoso, estava totalmente desprovida de lucidez. Eu sequer tinha lido corretamente a palavra “angústia” na carta de X., e na frase “Gostaria que as coisas tivessem tomado um rumo diferente”, ele estava tentando recuperar sua virilidade, e eu não tinha percebido isso na minha primeira leitura. Se Sophie o tivesse amado tanto quanto diz, ela não teria convocado um esquadrão de mulheres para ajudá-la a superar. Ela teria tentado superar isso, é o que se deve fazer, mas não assim, cercada por mulheres.

Um grande esquadrão de mulheres, é isso o que somos, com nossos textos patéticos ou nossas interpretações, nossas performances, sentindo pena de nós mesmas ante o homem; o melhor é ir atrás dele e fazê-lo sentir-se insignificante.

Eu deveria ter dito isso a Sophie, e estou dizendo agora: cuidado com todas essas mulheres reunidas. Evite-as. A maioria delas quer transformar os homens em mulheres, elas dedicam suas vidas a isso, o fato de serem mulheres as enlouquece, elas não podem aceitar. Elas não vão ajudá-la a se tornar uma mulher, uma mulher de verdade, ou seja, alguém que não tem nada, não tem mais palavras, não tem mais nada, nada de poder, poder sobre coisa alguma, uma mulher de verdade: boa e impotente. Elas não vão ajudar você, isso as deixa com raiva, o vazio, a falta. Elas não vão ajudá-la e continuarão dizendo “proteja-se”, quando não há nada do que se proteger.

Você não tem nada. Você tem um vazio, você tem uma ausência, é só isso. Você é uma artista e isso não lhe dá poder, mas graça, sim, toda vez que vejo o seu trabalho, eu fico, não sei como dizer isso... fico emocionada e cheia de admiração. Mas mulheres reunidas, tudo o que elas querem é que os homens desapareçam, que virem fantasmas distantes. Ou que sejam escravizados, estejam à disposição, sejam sempre acessíveis e vivam de acordo com os seus discursos, que eles supostamente entendem perfeitamente. Elas não querem “largar mão”, elas pensam que eles são como crianças, elas adoram falar sobre a “fragilidade do homem” – tão tocante, elas dizem – ou sobre eles “fugindo”. O coro que você reuniu em torno dessa carta é o coro da morte.



## OFICIAL DA INTELIGÊNCIA FRANCESA

Louise

**Carta codificada de acordo com o sistema do código de Vigenère.**

A palavra-chave escolhida para a codificação foi “Rompimento”.

IMYTB,

FS GODTKQVVT AVZTDZ OSAOSIGMG KAQ IHQV S PXHQV B JIV HQCPA E QBNVF PT DUZN OCQ.  
AMH XQPB FSECE HMDÁ TBK SJQDXBA.

GBFC MCOT XÓPI IXE, EÂC FTVTS RLHARR QMY YYMWOYTVFI. R VCDC ET VÂA QR  
KSTCZWMOIFLS EO YXVTE CKÓDIWM TFWGXBWWM. JUM IFISTWQ SM MRTÚLHZO FTZDÍZRE,  
QFBFGI M UHTZ EÂC BDAES STNVF SGIZHR VCZGM, HMZÂS FXULWD PLUEAMS GODP BQRGTF  
JIBTZÁ-XE, PHAF GQBXDI SBN. HIMCLA RBL QFBTTKQQL, JFQQ XUBÓW HFO TCZSQÇÂA: RÂB  
LSI O “CJIDXN”. XI DOZIQHI B FSL QABXDSZBGJC: TÁ BMEIF WSZLQX LQ ZRK OJ “CGIZMW”, AÂH  
OTVMCLA SOOWRAQCBQ YZ FSZC PT DQ-PNL, GVA RPHQV QX JFQQ JUM HREOJ.

OOWMU UHX WJGA QIEXNLGV; OOWMU UHX ODOD KWOI R H GVI MBWD WRKWRA  
EJNUGVXBKSE EIDE DNS R OZVÚAFMN JIV AQ UIL WRFDIS CJMDIE UIJQMG WGXEHG  
YCDXHARGXG V AQ XUBIQX RV GQG BDEAJIZZA T, AQQ QÚOWUO, PT AQV FBAGZQHUQRGX  
TVZUO M “SIAXFFGA”, HM MUHBSKOEHM OSZ H GVI ODVFEHG S EO OTZFMIT RV EGT W  
MQBK ELS HDKQ XRF DFF YXU RSV H ARWE QMZISBQF DMGI YMZ, H ARWE QMZISBQF EGT  
RMQNBG KWHT, DAGR LOSS PXAES. NVVVW CJM M IFVFZHM HMDMN NA ISYTLUS, DNS DSG  
SMEEFLCJGQVW EI QBGJCKMDMN GSCO BPZM IAVCEHDPZ HSPX.

ARG ZÂD. MEXBN DZCD PQZHN; GÂC KSZWW OSAWÇÖVG ETYIE WS CVQ TFBPVVOI C  
QHBMHB XA HIQ BM QRPHBKFA. TVFÂS, RLHR GQBIZE, PHAVQX I BVBVIOD PA “AYGKOJ”.  
S ETQ NIZ H ELS UHAA WVZBZTURI BEET AZA Q TU CYR MWGC PT KUGYH SJHAJ MZXETBUC.  
VPUMMF FSEHU EIDE IHQV S ZÂD M MKBKO HIQ KWG GBFSÇRE.

TDCHI HFO FIFGI DITKO HIQ KWOI VFDÔJ BA XVÍOMB WS ECEHI TMFMÓFZO: ZD LUE RF ELS  
PTQJÁWFXAFG PT AQV NFOEHQH, AQVVT WEQACKQFÍXZ GODP DAGR FS MSD CWHEZXBKS.  
HDKQ WNUS HIQ TAAE VFDFGUÇÂD UQ TNKSTS PTAMWGKÇJO, UCRGWGT (XA HIQ KWOI  
NBBUO HT J, D,...) I PHAGFQTVEÍZRE (CSJUPUQRGX...); QFA UHAA, NNFOZG BDLQVVT AV  
HAGVMV FXI RAUVW.

YEF ACAS, HDKQ TBWS RJMAQMV N BAGCDIÂVOMN WO DWZWI PIPBÂF, IYP DQD DNS VGFDC  
PMFICJHA P UQ GHKJRF PXIZXR WO JIM KWZXXNS, GCUH LQMKTF US HTZ HSPX S US RPTMV  
PHA MCOT, LQ ECKSVBPTZ A WRN CCVMG AAFEX OJ QAXAMW R HG JSDTA Q E QHÇIO ODU  
M UHTZ MCOT UQ XETHR GÂA RWUWNL RRG CJUW FXBKWDTQ GQN LOLRMSM URSBBZHM.  
PKARGXÇO F EGT IOSAMSTSD, HIUFN JIV BGCKM HRBLRFQX LQ EZTF MCOT LM QNGSZFM FCQ  
WRFDIS MBMU HRLRV EGT VAW PHBYSOTUAW, R XGJS MBWD WR XGKSZSMDÁ IZ FWD S, FTVTS  
PXFSLP, RMQNBG DCDGMDÁ.

QNL VFXQ, HMDMN T DZCD SIE JNKGRG YPVFIE NAR GUICMÇÂS DNS MCOT AMFR MÂC SSY  
FCMRGH SL HQG AQ XKBARRA XZDIZXRZÁJQA, UQWZH QFA FDLA S NFCI EGT AQRGBAFG GB  
XQPB HIKFA. T M VYFMODSZIM QWFX ODCD FCQ QR HPIWSP I EIE ACESEIW OSZ OCTS YPQE  
YZT JVN, ODUÁ ÚPGBAR DDDDM HB JIV VAJDQ IAMFV BÓE T YGI CXFDOZTKQVÁ ÚABQF.  
UAHBMVVT ELS MH KAMFTG KWHTAEIZ MCDOPD CY VHFC UWRTZQRGX.  
QLWPT LQ ZBVS.

O

## CONSULTORA DE ETIQUETA E PROTOCOLO Aliette Eicher, Condessa Von Toggenburg

Sophie,

O título é um tanto descuidado.

Há algum tempo venho querendo lhe escrever e responder ao seu último email.

Ele deveria ter respondido imediatamente.

Ao mesmo tempo, me pareceria melhor conversar com você e dizer o que tenho a dizer de viva voz.

Frase desajeitada: pesada e deselegante.

Mas pelo menos será por escrito. E daí?

Como você pôde ver, não tenho estado bem ultimamente. Coitadinho!

É como se não me reconhecesse na minha própria existência. Não nos interessa; ele não deveria falar de si.

Uma espécie de angústia terrível, contra a qual não posso fazer grande coisa, senão seguir adiante para tentar superá-la, como sempre fiz. Essas coisas deveriam ser guardadas para si. Ele não deveria exibir suas pequenas preocupações.

Quando nos conhecemos, você impôs uma condição: não ser a “quarta”. Que feio! A dama nunca deveria ter tido necessidade de impor condições. Ele próprio deveria ter feito essa oferta, e com a maior discrição.

Eu mantive o meu compromisso: há meses deixei de ver as “outras”, não achando obviamente um meio de vê-las, sem fazer de você uma delas. Que grosseria mencionar novamente esses relacionamentos, e é um insulto ele sugerir que a Senhora pudesse ser uma delas.

Achei que isso bastasse; achei que amar você e o seu amor seriam suficientes para que a angústia que me faz sempre querer buscar outros horizontes e me impede de ser tranquilo e, sem dúvida, de ser simplesmente feliz e “generoso”, se aquietasse com o seu contato e na certeza de que o amor que você tem por mim foi o mais benéfico para mim, o mais benéfico que jamais tive, você sabe disso. A frase é malconstruída, e ele está falando com a pessoa errada: o amor não deveria ser usado como remédio para o mal-estar dele e a Outra não está lá para curá-lo. Ao contrário, ele deveria estar cedendo, estar enaltecendo a Outra, elogiando-a e respeitando-a.

Achei que a escrita seria um remédio, que meu “desassossego” se dissolveria nela para encontrar você. Mas não. Estou pior ainda; não tenho condições sequer de lhe explicar o estado em que me encontro. Nunca use expressões excessivamente egocêntricas e pomposas acompanhadas de “mim”, “meu” e “eu”, como em “meu desassossego” e “o estado em que me encontro”.

Então, esta semana, comecei a procurar as “outras”. E sei bem o que isso significa para mim e em que tipo de ciclo estou entrando. Esses comentários são inúteis, ofensivos e humilhantes.

Jamais menti para você e não é agora que vou começar. Bom, mas ele poderia ter economizado essas enfáticas declarações de honestidade e todas essas justificativas que mal conseguem mascarar a tremenda falta de consideração que ele tem pela Outra.

Houve uma outra regra que você impôs no início de nossa história: no dia em que deixássemos de ser amantes, seria inconcebível para você me ver novamente. Certamente. Não se deve confundir amor e amizade. São duas áreas cujos conteúdos são bem diferentes.

Você sabe que essa imposição me parece desastrosa, injusta (já que você ainda vê B., R.,...). Pobre vítima! e compreensível (obviamente...); com isso, jamais poderia me tornar seu amigo. Mas hoje, você pode avaliar a importância da minha decisão, uma vez que estou disposto a me curvar diante da sua vontade (hipócrita), pois deixar de ver você e de falar com você, de apreender o seu olhar sobre as coisas e os seres e a doçura com a qual você me trata são coisas das quais sentirei uma saudade infinita. Que expressão mais estranha; mais uma vez ele faz de si próprio o centro de tudo. Aconteça o que acontecer, saiba que nunca deixarei de amar você da maneira que sempre amei (exatamente, teria sido melhor se essa “maneira” tivesse sido bem diferente), desde que nos conhecemos, e esse amor se estenderá em mim e, tenho certeza, jamais morrerá. Sublime! Mas hoje, seria a pior das farsas manter uma situação que você sabe tão bem quanto eu ter se tornado irremediável, mesmo com todo o amor que sentimos um pelo outro (comentário muito presunçoso. Além disso, esse tal amor que ele sente não é sinônimo de respeito nem de compromisso emocional, aparentemente).

E é justamente esse amor que me obriga a ser honesto com você mais uma vez (de novo, o termo soa supérfluo e tem um tom repressor) como última prova do que houve entre nós e que permanecerá único. Infelizmente, é impossível ficar contente com isso.

Gostaria que as coisas tivessem tomado um rumo diferente. Sim, claro: culpe a sua mãe, o padre, o presidente, a Madonna, ter lido Don Juan, os tumultos na periferia e sei lá mais o quê. Cuide de você. Finalmente, ele está pensando em alguém além dele mesmo.

X

## TRADUTORA Adriana Hunter

Sophie<sup>1</sup>,

I have been meaning to write and reply to your<sup>2</sup> last e-mail for a while. At the same time, I thought it would be better to talk to you and tell you what I have to say out loud.

Still, at least it will be written.

As you have noticed, I have not been very well in myself recently. As if I no longer recognised myself in my own existence. A<sup>3</sup> terrible feeling of anxiety, which I cannot really fight, other than keeping on going to try and overtake it, as I always have done. When we met you laid down one condition: not to become the “fourth”. I stood by that promise: it has been months now since I have seen the “others”, because I obviously could find no way of seeing them without making you one of them.

I thought that would be enough, I thought that you loved<sup>4</sup> and that your love would be enough<sup>5</sup> so that this anxiety –<sup>6</sup> which constantly drives me to look further afield and which means I will never be at rest or probably even just happy or “generous”<sup>7</sup> – would be calmed when I was with you, with the certainty that the love you have for me was the best<sup>8</sup> for me, the best I have ever had, you know that.

---

<sup>1</sup> Os problemas aparecem logo no começo! Em inglês, costumamos usar a palavra “Querido(a)” até mesmo em emails, ou então nos limitamos a deixar simplesmente “Oi”. Colocar o nome em si soa um tanto rude na língua inglesa. Não tem o mesmo impacto que tem na língua francesa: os franceses costumam fazer isso em emails. Deixei do jeito que está esperando que soe sério e não abrupto.

<sup>2</sup> O medo de todo tradutor – a diferença entre “tu” e “vous”. Acho muito curioso o fato de esse homem falar com sua amante utilizando o pronome formal “vous” e – sem pesquisa alguma – é impossível saber se ele sempre a tratou por “vous” ou se essa formalidade é nova, emprestando a este email uma fria ausência de intimidade. Se os amantes sempre se trataram por “vous”, será que isso era dito de forma séria e por respeito mútuo ou porque eles quisessem preservar certa distância entre eles, ou se tratava apenas de uma brincadeira? A única maneira de traduzir o uso do “vous” em inglês é dando à carta um nível de formalidade equivalente. Um recurso que utilizei para tentar fazer isso foi usar o “not” em vez de contrações, como “don’t” e “haven’t”. Aliás, mais do que o uso do “vous”, tentei recriar a formalidade afetada – mesclada a explosões de prolixidade emocional – da carta.

<sup>3</sup> Eu gosto bastante da despreocupação do escritor em relação à estrutura de frase convencional, pois reflete seu humor. Outros tradutores talvez preferissem unir as duas frases, deixando-as mais fluidas, acrescentando a palavra “Creating” no começo.

<sup>4</sup> Parece haver um erro de ortografia aqui no original, a palavra “aimer” está no infinitivo e não no imperfeito, como eu esperaria. Isso talvez tenha acontecido no momento em que a carta foi copiada ou pode ser que já estivesse presente no original. Também acho estranho que ele não diga “loved me”, mas devo deixar do jeito que está.

<sup>5</sup> Mais uma vez, parece haver um erro gramatical, a palavra “suffir” (bastar, ser suficiente) está no plural.

<sup>6</sup> Eu inseri travessões para ajudar na compreensão do significado. Essa frase é intrincada e emocional, e quase não ha pontuação na versão em francês. Tentei manter a complexidade e a emoção, mas precisava colocar alguma pontuação para que ela não perdesse o significado também!

<sup>7</sup> O significado de “generous” não é muito claro, e como a palavra está entre aspas, deduzo que se trata de algo que Sophie disse a ele e, portanto, deve ficar como está.

<sup>8</sup> “Best” é uma palavra mais neutra do que “bénéfique”, usada no francês, mas a correta tradução dessa palavra – “benéfico” – realmente soava objetiva demais para descrever o amor. Optei pelo uso de “best” e resisti à tentação de dizer “the best *thing* for me”, porque ele claramente quer dizer que foi “the best *love* for me”... provavelmente em comparação ao tipo de amor que as “outras” ofereciam a ele.

I thought that writing would be a remedy, that my “restlessness” would dissolve into it so that I could find you. But no. In fact it even became worse, I cannot even tell you the sort of state I feel I am in<sup>9</sup>. So I started calling the “others” again this week. And I know what that means to me and the cycle that it will drag me into.

I have never lied to you and I do not intend to start lying now.

There was another rule that you laid down at the beginning of our affair: the day we stopped being lovers you would no longer be able to envisage seeing me<sup>10</sup>. You know this constraint can only ever strike me as disastrous, and unjust (when you still see B and R...) and understandable (obviously...); so I can never become your friend.

But now you can gauge how significant my decision is from the fact that I am prepared to bend to your will, even though there are so many things –<sup>11</sup> not seeing you or talking to you or catching the way you look at people and things, and your gentleness towards me – that I will miss terribly.

Whatever happens, remember that I will always love you in the same way, my own way, I have ever since I first met you;<sup>12</sup> that it will carry on within me and, I am sure, will never die.

But it would be the worst kind of masquerade to prolong a situation now when, you know as well as I do, it has become irreparable by the standards of the very love I have for you and you have for me, a love which is now forcing me to be so frank with you, as final proof of what happened between us and will always be unique<sup>13</sup>.

I would have liked things to have turned out differently.

Take care of yourself.

X<sup>14</sup>

<sup>9</sup> Essa é uma maneira particularmente prolixa de se expressar, mas ela é igualmente prolixa em francês e eu quis manter os sinais do estado alterado do escritor, mesmo correndo o risco de parecer que a tradução não foi bem feita.

<sup>10</sup> Aqui, a estrutura um tanto desajeitada da frase reflete uma estrutura de frase incomum e levemente formal em francês.

<sup>11</sup> Mais uma vez, precisei acrescentar pontuação. A construção da expressão “to miss” é bastante diferente em inglês e em francês, e precisei introduzir o travessão para manter a mesma ordem de palavras da carta em francês, na qual a palavra “missing” apresenta um impacto maior ainda, porque só aparece no final da sentença. Aliás, é interessante notar que – suponho que inadvertidamente – ele diz que sentirá saudade de *não* vê-la e de *não* falar com ela!

<sup>12</sup> Eu coloquei ponto e vírgula porque foi difícil manter a mesma estrutura de frase no inglês sem prejudicar o sentido.

<sup>13</sup> Essa é mais uma das suas sentenças emotivas e intrincadas. Ela poderia ser reformulada inúmeras vezes, mas minha intenção é não apagar a maneira com a qual ele coordena as orações; é um sinal do seu estado emocional no momento da escrita, com ideias atropelando umas as outras.

<sup>14</sup> Este não é propriamente um comentário de tradutora, mas um comentário mais geral: estou intrigada com esse “X”. Trata-se de um beijo ou das iniciais do escritor? Seria muito mais carinhoso terminar com um beijo... mas é uma atitude um tanto presunçosa deixar no final de uma carta tão solene e decisiva como essa apenas um beijo ou uma simples inicial.

## PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Laure Guy

1. Dê um título para essa história.
2. Quem é o herói da história?
3. Qual é o elemento perturbador?
4. Como o herói quebra o pacto?
5. Como ele decide resolver seu problema?
6. Dê outro final para a história.

REVISORA  
Valérie Lermite

Pontuação: mudei-a somente  
onde necessário.

Mudar todos os apóstrofos  
Mudar todas as aspas

proposição

Sentença  
longa,  
malconstruída

certo

começo  
de sentença  
desajeitado

Repetição  
inadequada

Texto curto, repetitivo. Eu marquei todas  
as repetições e destaquei com cor laranja  
as conjugações do verbo “saber” e  
com amarelo as conjugações do verbo “dizer”

Alinhar  
à direita

## DIPLOMATA

Leila Shahid

A primeira coisa que me chamou atenção na carta de X. foi ele ter optado por expressar sua decisão unilateral por escrito, como se estivesse preocupado que uma discussão ou confronto com a protagonista pudesse minar sua determinação de terminar o relacionamento que parece ser importante para ele, mas com o qual ele não consegue mais lidar.

Como em qualquer negociação conduzida segundo um acordo, os termos de referência são bastante claros: ser a única amante e, no caso de rompimento, deixar de se ver. Dada a violação das resoluções previamente estabelecidas e pelo fato de, devido a um tipo de angústia existencial, X. ter começado a ligar para as outras e a vê-las novamente, terminar parece ser a decisão óbvia a ser tomada.

É de se estranhar que X. pareça sinceramente apegado à protagonista e perturbado com a sua decisão, porém, incapaz de renegociar novos termos de referência ou, podemos dizer, novas condições para o contrato amoroso.

Irremediável é o termo que melhor representa a situação na qual X. se encontra, e que justifica sua decisão.



## TRADUTORA DE LINGUAGEM SMS

Alice Lenay

Sophi,

Ha algm tmp vnho kerendo escrever e respnder ao seu ultimo mail. Ao mm tmp, m pareceria mlhor cnversar c/ vc e dzer o q tnho a dzer d viva voz. Mas pelo mnos sera por escrito.

Cmo vc pde ver, nao tnho estado bem ultima/te. Eh cmo c nao me reconhecesse na mnha propria existencia. 1 especie d angustia trrivel, cntra a qual nao psso fzer grd coisa, cnao sguir adiante p/ tentar supera-la, cmo smpre fiz. Qdo nos conhecemos, vc impos 1 condicao: nao ser a "4". Eu mantive meu cmprniso: ha mses deixei d ver as "outrs", nao axando obvia/te 1 meio d ve-las, s/ fzer d vc 1 dlas.

Axei q isso bstase; axei q amar vc e o seu amor sriam suficientes p/ q a angustia q m faz smpre qrer bscar outrs horizontes e m impde d ser tranquilo e, s/ dvida, d ser smples/te feliz e "genroso", c akietase c/ o seu cntato e n certza d q o amor q vc tem por mim foi o + bnefico p/ mim, o + bnefico q ja+ tive, vc sabe diso. Axei q a escrita seria 1 remedio, q meu "dsasosego" c disolveria nla p/ encntrar vc.

Mas nao. Estou pior ainda; nao tnho cndicoes squer d t explicar o estado em q me encntro. Entao, esta smana, cmecei a prcurar as "outras". Eu sei bem o q isso significa p/ mim e em q tipo d ciclo estou entrando. Ja+ menti p/ vc e nao eh agora q vou cmeçar.

Houve 1 outra rgra q vc impos no inicio d nossa historia: no dia em q deixasemos d ser amantes, seria inconcbivel p/ vc m ver nova/te. Vc sabe q esa imposicao m parece dsastrosa, injusta (ja q vc ainda ve B., R.,...) e comprnsivel (obvia/te...); c/ iso, ja+ poderia m tornar seu amigo.

Mas hj, vc pode avaliar a importncia d mnha dcisao, 1 vez q estou disposto a m curvar diante d sua vontde, pois dxar d ver vc e d falar c/ vc, d apreender o seu olhar sobre as koisas e os seres e a docura c/ qual vc m trata sao coisas das quais sentirei 1 saudde infinita. Aconteca o q acontecer, saiba q nca deixarei d amar vc da mneira q smpre amei dsd q nos conhecemos, e ese amor c estendera em mim e, tnho certza, ja+ morrera.

Mas hj, seria a pior das farsas mnter 1 stuacao q vc sabe tao bem qto eu ter se tornado irremdiavel, mm c/ todo o amor q cntimos 1 plo outro. E eh justa/te ese amor q me obriga a ser hnesto c/ vc + 1 vez, cmo ultma prva d q houve entre nos e q permancera unico.

Gostaria q as coisas tivesem tomado 1 rumo dferente.

Cuid d vc.

X

## HISTORIADORA ESPECIALIZADA EM SÉCULO 18

Arlette Farge

Ele certamente viveu no século 18. Pode não ter sido um grande aristocrata nem homem da corte, mas pelo menos possuía algumas das maneiras e hábitos de cultura. E, então, ele amava essa mulher; porém, ela estabeleceu uma condição que não se tornou apenas um fardo, mas o levou à ruína: ela pediu que o olhar dele nunca mais pousasse sobre outra mulher. Ele parecia ter forte inclinação por alguns dos prazeres daquele século; seu mal-estar, sua melancolia e mesmo sua angústia e sua escrita evidenciavam tanto seu desejo por ela quanto pelo prazer furtivo de “possuir” outras. Um tanto banal, na verdade. Pode-se imaginar que sua jornada não os tenha levado a Cítera. Porém, um dia, ele quebrou o pacto dos amantes, um pacto que não era fácil manter nesse século do Iluminismo no qual, para os libertinos instruídos, amar significava, sobretudo, apreender: apreender inteligências, atenção, sentimentos, e sujeitar o outro à sua influência, mesmo se a carne mal se lembrasse. Tanto a carta de amor quanto a de rompimento colocavam os sentimentos em xeque: a neutralização das emoções era sinônimo de distinção.

Tendo escolhido o lado da virtude em uma noite em que promessas tinham sido feitas, exatamente como apenas um século antes poder-se-ia ter escolhido o lado do piedoso, ele foi incapaz de mantê-la; sendo um homem honrado, ele contou a ela. Ele ainda a amava, ele imaginava sua fúria e chegou a antecipá-la. Apesar de parecer pouco emocionado, as palavras revelavam que aquele libertino, que outrora estivera certo de sua força, estava desmoronando ante a tarefa e ante ela também. Ele sabia o preço da sua confissão: nunca vê-la novamente. E o seu adeus talvez tenha soado como uma vez soara o seu “olá”. Ele não se debulhou em lágrimas porque colocou sua *persona* social para esconder qualquer expressão de coração partido. A Revolução de 1789 ainda estava por vir: alguns a desejavam, não há dúvida; tão remotos pareciam tanto ele quanto qualquer parte dela que se pudesse decifrar, de qualquer mundo exterior que eles pudessem ter habitado. Esse foi verdadeiramente o Antigo Regime, cego à vulnerabilidade. Para ele, portanto, ela nunca mais usaria seu vestido de gala; para ela, vesti-lo para ele estava agora fora de cogitação.

## JORNALISTA DE AGÊNCIA DE NOTÍCIAS Bénédicte Manier

---

Celebridades da arte

**URGENTE** Sophie Calle recebeu uma carta de X. terminando relacionamento  
**Paris, 25 de janeiro de 2006 (Agência News International)** – Na quinta-feira, a artista Sophie Calle recebeu uma carta de X., na qual ele lhe informava estar terminando o relacionamento dos dois, informaram na noite de quinta-feira pessoas próximas à artista.

abm/sv/rd

---

## HEADHUNTER

Christiane Cellier

O candidato tem um discurso intrincado

Tenta ao mesmo tempo se explicar e se desculpar para evitar repreensão e para jogar a responsabilidade nos outros. Para ele, seria adequada uma posição na qual seu talento para escrita fosse bem aproveitado. Porém, sua admirável capacidade para dispensar – “Gostaria que as coisas tivessem tomado um rumo diferente. Cuide de você” – poderia ser bem útil ocasionalmente para empresas que estejam passando por uma “reestruturação”... na esperança de que não causasse muito protesto nos sindicatos...

## ESTUDANTE

### Ambre

Ambre, idade: 9 anos e meio

Eu a li e prestei bastante atenção nas palavras. Um homem está falando com uma mulher sobre os sentimentos dele.

Ele escreve para dizer que quer se separar dela. É bom, mas é complicado.

Tem umas palavras difíceis: irremediável e farsa. Eu acho que ele a ama.

Ele diz que a amará para sempre.

Se ele a ama, eu não se [sic] por que ele está deixando ela. Fala de divórcio.

Ele diz que está vendo suas outras amigas de novo.

Ele diz que gostava [sic] que as coisas [sic] tivessem tomando [sic] um rumo diferente. Isso quer dizer que as coisas não vão terminar bem. É triste.

INTÉRPRETE DO TALMUDE  
Eliette Abécassis

Covardia ou sublimidade?

ASSISTENTE SOCIAL PENITENCIÁRIA  
M. L.

**Com** x. prisioneiro

Acredite-me, essa carta é um maravilhoso símbolo de confiança, respeito e amor.

Esse homem tem uma imagem positiva de você e isso deve ajudá-la a ter sua confiança de volta e a recuperar a autoestima perdida pelo fato de você estar na prisão.

Aconselho você a guardar essa carta que, tenho certeza, irá lhe dar força na solidão da sua cela.

Apesar de ser uma carta de rompimento, eu recomendo que você a leia novamente sempre que a tristeza dominá-la.

## PESQUISADORA DE LEXICOMETRIA

Micheline Renard

so'fi:

'a ew'gũ 'tēpu 'veņo ke'rēdo ɫiskre'ver i hespō'der aw sew 'u''tʃimɔ e'meju  
aw 'mesmo 'tē'pu mi parese'rie me'ɫar cō''ver'sar cō''vose j dʒi'zer u qui 'teņo a  
dʒi'zer dʒi 'vivē vɔ's ma's 'pelu 'menos se'ra pur is'krito  
'komu 'vose 'podʒi ver nāw 'teņo s'tadu 'bē'j u''tʃima'mē'tʃi ɛ 'komu sɪ nāw mi xekoņe'sese  
nē 'miņe 'prɔprjē ezis'tē'siē 'umē is'pesiē dʒi ɔ'gustʃrē te'xivew 'cō''trē ɛ k''aw nāw 'pɔsu  
'fazer 'grādʒi 'kojza sɪ'nāw se'gir adʒi'ãtʃi 'parē 'tētē supē'ralē 'komu 'sē'pri fis  
'k''ādo nus koņe'semos 'vose r'pos 'umē kōdʒi'sōw nāw ser a 'k''artē ew mē'tʃivɪ u mew  
cōpro'misɔ 'a 'mezis de'jʃej dʒi 'ver ɛs 'o:wtrēs nāw ɛ'ʃɔdo ɔbivja'mē'tʃi ũ 'mejw dʒi 'veles  
sē'j fa'ze dʒi 'vose umē 'deleš ɛ'ʃej ki 'iso bēs'tasi ɛ'ʃej ki ɛ'mar 'vose i u 'sew ɛ'mor  
se'riē'' sufisi'ē'tʃis pra ki a ɔ'gustʃrē ki mi fa's 'sē'pri ke'rer bus'kar 'owtrɔs ori'zōtʃis i mi  
r'pedʒi dʒi ser trã'k''ilo i sē'j 'duvidē dʒi ser sīplis'mē'tʃi 'felis i gene'rozu sɪ ɛkje'tassɪ kō''  
u sew cō'tatu i nē cer'tezē dʒi ki u ɛ'mor ki 'vose tē'j pur mī foj u majs be'nefiku prē mī u  
majs be'nefiku ki zē'majs 'tʃivɪ 'vose 'sabi 'dʒisso a'ʃej ki ɛ s'kritē se'rie ũ xe'medʒiw ki  
mew dezēs'o'segu sɪ disowve'rie 'nele prē ɛ'kō'trar 'vose majs nāw s'tow pɪ'ɔr ɛ'ide nāw  
'teņo kōdʒi'sōjs sɪ'ker dʒi ɫispli'kar u s'tadu ɛ'j ki mī'kōtro r'tāw 'estē se'mānē kome'sej a  
proku'rar ɛs 'o''trēs i sej bē'j u ki 'iso sigmɪ'fikē prē mī i ɛ'j ki 'tʃipɔ dʒi 'siklo s'tow  
ɛ'trãdo zē'majs mē'tʃi prē 'vose i 'nāw ɛ ɛ'gɔra ki vow kome'sar 'owvɪ 'umē 'owtrē 'hegre  
ki 'vose r'pos no r'nisiw dʒi nɔsa s'tɔrjē no 'dʒivē ɛ'ki de'jʃasemos dʒi ser a'mãtʃis se'rie  
ikōse'bivew prē 'vose mi ver nɔva'mē'tʃi 'vose 'sabi ki 'esē ipozis'sōw mi pa'resɪ dezēs'trɔzē  
r'zuste 'za ki 'vose ɛ'ide 've be ɛhi i kōpreē'sivew obivja'mē'tʃi kō''iso zē'majs pode'rie  
mi tor'nar 'sew ɛ'migo majs 'ozi 'vose 'pɔdʒi ɛvelɪ'ar ɛ ipor'tãsjē da 'miņe desi'zōw 'umē  
'vejs kɪs'tow dʒis'postu a mi 'kurvar dʒi'ãtʃi da suē vō'tadʒi pojs de'ʃar dʒi 'ver 'vose i dʒi  
fē'lar cō''vose dʒi ɛpreē'dero sew o'ɫar 'sobri ɛs 'kojzēs e us 'seris i a do'surē 'kō''ɛ  
'k''aw 'vose mi 'trate 'sōw 'kojzas dēs 'k''ajs sē'tʃi'rej 'umē sēw'dadʒi ifi'nitē akō''tesē u  
ki ɛkō''te'ser 'sajbē ki 'nūkē de'jʃrē dʒi ɛ'mar 'vose da mē'nerē ki 'sē'pri ɛ'mej 'desdʒi ki  
nus koņe'semos i 'esɪ ɛ'mor sɪ stēde'ra ɛ'j mī i 'teņo ser'teza za'majs moxe'ra majs 'ozi  
se'rie ɛ pɪ'ɔr dēs 'farsēs mǎ'ter 'umē situa'sōw ki 'vose 'sabi 'tāw 'bē'j 'k''ātu 'ew 'ter sɪ  
tor'nado ixemedi'avew 'mesmo cō''todu u ɛ'mor ki sē'tʃimɔs ũ 'pelu 'owtru i ɛ  
zusta'mē'tʒi 'esɪ ɛ'mor ki mi o'brigē: ser o'nestu kō''vose majs 'umē vejs 'komu 'u''tʃime  
'prɔvē du ki 'owvɪ 'ētri 'nɔs i ki permēnese'ra 'uniku gostē'rie kɪēs 'kojzas tʃi'vesē  
to'madu ũ 'xumu dʒife'rētʒi  
'kujdʒi dʒi 'vose

ʃis



## CRIMINOLOGISTA

Michèle Agrapart-Delmas

### ANÁLISE DE UMA CARTA ANÔNIMA

Se for autêntica, esta carta foi escrita aparentemente por um **manipulador**, um **sedutor**, cujos relacionamentos com outras pessoas se baseiam na dominação e na ascendência. Essa ascendência é não agressiva, doce e sutil; é a ascendência de um homem de fala mansa que tem poder, mas é altamente efetiva, porque ele consegue se exonerar de qualquer ato que possa ser percebido como negativo para fazer seu interlocutor se sentir culpado e para se colocar na posição de vítima.

Ele queria escrever, responder, certamente está sendo sincero e tem a melhor das intenções, mas... ele não o fez e, além disso, como ele parece **incapaz de lidar com conflitos**, sua escrita é deliberadamente evasiva, afastando, assim, qualquer tipo de percepção ou julgamento que possa manchar sua imagem.

É certo que ele está terminando o relacionamento, mas é somente “por honestidade, pois ele fez uma promessa e manteve seu compromisso”. E se ele voltou a ver as outras, é porque “ele não tem estado muito bem”. **Sexualidade ansiolítica**. Ele está “doente, tomado pela inquietude” e somente as vozes das outras amantes podem abrandar esse mal-estar.

Ele pode olhar você nos olhos e **mentir**. Ele quer projetar a imagem de uma pessoa frágil, bondosa, que não sabe repelir, reconhecer ou conter seus impulsos, e é somente a angústia, pela qual ele não pode ser responsabilizado, obviamente, que o leva a escrever essa pequena obra de arte de baixeza, dominação e manipulação. Não é culpa dele, ele não fez de propósito... mas é certo que fará novamente.

Pois ele se apresenta como um homem infeliz... por causa da sua suposta fidelidade, cuja autenticidade deveria ser – parenteticamente – verificada imediatamente.

Então, por ter ligado para as outras, ele quebrou o compromisso e se viu obrigado a terminar o relacionamento, assim se livrando da mulher que presumivelmente lhe impôs algumas restrições. **E ele não gosta de restrições ou de ordens**.

De forma casual, ele dá uma alfinetada – “já que você ainda vê B. e R.” – assim colocando seu interlocutor no papel de criminoso.

E “é claro que ele sofrerá se não puder mais vê-la”, mas ele rapidamente se curva à decisão por ela tomada de pararem de se ver, e ele a fez sentir-se um pouco mais culpada ao dizer que “sentirá saudade dela”. Não há dúvidas de que a mulher para quem ele escreve o lisonjeava, mas ele não dá a mínima para o seu sofrimento, para a frustração produzida pela dor que ele causa. Eu estou destruindo você, estou partindo o seu coração, estou devastando você, mas, o que quer que aconteça, cuide de você!

Por fim, um pequeno refrão romântico: “Eu amo você, nunca deixarei de amar você, etc., etc.” Como se fosse ela que o tivesse deixado. Os papéis estão invertidos.

Ele é um homem **inteligente, culto, de bom nível sociocultural, elegante, charmoso e sedutor** que tem uma inteligência refinada, sutil e um tanto abstrata. Ele é **orgulhoso, narcisista e egoísta** (usa o verbo na primeira pessoa do singular um sem-número de vezes). É possível que tenha estudado literatura. Provavelmente prefira jazz a rock. Eu o imagino usando um suéter de gola alta em vez de terno e gravata.

Ele deve ter uma cozinha pequena, onde prepara refeições simples e deliciosas.

Ele deve ser charmoso, mas sua beleza não é o que se chamaria de clássica.

Ele é um legítimo manipulador, perverso, psicologicamente perigoso e/ou um grande escritor.

Deve ser evitado a todo custo.

ADVOGADA  
Caroline Mécary

re: CALLE/X

Prezada senhora

Li com muito atenção a carta de separação que lhe foi enviada por X., a qual me foi encaminhada, pela senhora, para análise.

Se não há amor ideal aqui, esta missiva indica certamente uma combinação de infrações, ou seja, o fato de cometer simultaneamente várias infrações em um só ato.

A senhora me informou que X. se apresentou como escritor. Pode-se duvidar dessa capacidade, pois, na carta que a senhora recebeu, os seguintes elementos podem ser notados:

- a falsidade da escrita.
- a linguagem rígida, incorpórea e superficial.
- repetições.
- falta de concordância dos tempos verbais.

Segundo o Artigo 313-1 do Código Penal francês: “Fraude é, com o uso (...) de falsa capacidade, (...) enganar pessoa física ou jurídica de forma a conduzi-la ao seu próprio prejuízo (...) prestar um serviço ou consentir um ato que demande ou dispense uma obrigação”.

No presente caso, a “falsa capacidade” de escritor – que, de acordo com a jurisprudência, pode ser resultado “da afirmação mentirosa de uma profissão privada” (Crim 26, junho 1974) – parece claramente comprovada.

2. No contexto do comércio amoroso, que a senhora descreveu para mim, também há indicação de que a senhora foi enganada, não só como mulher, mas também na sua condição de consumidora.

Ao ler a carta, pode-se observar que:

- X. é egocêntrico e narcisista,
- X. está com medo do “desassossego”,
- X. não é generoso,
- X. recusa qualquer debate,
- X. não quer perder coisa alguma,
- X. somente pensa no dano que ele sofre

Todos estes elementos atestam fraude no que diz respeito à natureza, à forma, à composição e às qualidades substanciais de um homem apaixonado.

O Artigo L 213-11 do código de defesa do consumidor francês prevê punição de dois anos de prisão e/ou multa de €37,500 para “qualquer um que tenha enganado ou tentado enganar a parte contratante por meio de qualquer tipo de procedimento (...) em relação à natureza, à forma, à origem, às qualidades substanciais, à composição ou ao conteúdo dos princípios úteis de quaisquer bens”.

Sendo o comércio amoroso não só o mais antigo, mas também mediado ao extremo, certamente o Tribunal condenará X. à prisão por tê-la enganado quanto ao vínculo amoroso.

Conclusão: a carta que a senhora recebeu lhe dá grandes chances de ver X. condenado pelo tribunal por fraude e engano no que diz respeito às qualidades substanciais dos bens.

O dano causado ainda está para ser definido: tempo perdido? Agressão ao ego? Doação de si a uma “falsa capacidade”?

Cabe à senhora, mesmo antes de chegar ao promotor público, julgar a conveniência de uma ação legal. Será que a senhora não estaria dando crédito demais a X., ao dar-lhe um papel na cena judiciária?

Estou à sua disposição para discutir mais profundamente esse caso. Atenciosamente,

## SEXÓLOGA Catherine Solano

Não, não vejo motivo algum para lhe receitar antidepressivos. Você está triste, só isso. Um evento triste sempre está ligado ao sofrimento, mas recorrer à química não é a solução apropriada. Tenho certeza de que você é forte o suficiente para seguir em frente e encontrar dentro de você tudo de que precisa para agir e reagir.

CONTADORA  
Sylvie Roch

Ativo total – Nunca deixarei de amar você – 344 000

Passivo total – Jamais poderia me tornar seu amigo - 344 000

COMPOSITORA  
C. Chassol

Carta de rompimento musicada.

Glossário:

The musical score is written in 4/4 time. The piano accompaniment (left hand) consists of a steady eighth-note pattern: a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z. The vocal line (right hand) begins with a whole rest for the first two measures, then enters in the third measure with a quarter note 'j', followed by quarter notes 'k', 'l', 'm', 'n', 'o', 'p', 'q', 'r', 's', 't', 'u', 'v', 'w', 'x', 'y', and 'z' in the subsequent measures. The final measure of the vocal line contains a whole rest.

PAREDE DA DIREITA

ADOLESCENTE  
Anna Bouguereau

Ele se acha!



DELEGADA DE POLÍCIA  
F. G.

Capitã de Polícia  
para  
Senhora Sophie Calle

Re: carta de rompimento do Senhor X.

anexo: um dossiê

Abaixo estão minhas observações sobre a carta de despedida enviada pelo seu ex-amante.

Por meio da leitura desse texto, pode-se perceber que o mal-estar do autor é característico de uma atitude muito difundida entre os homens franceses:

– recusa ao compromisso e vadiagem sexual, favorecidos por dois fatores permanentes e quantificáveis.

Há mais mulheres do que homens, e isso começa aos vinte anos de idade.

Em Paris, 46% da população é do sexo masculino, logo, 54% é do sexo feminino (estatística oficial).

– Ao chegar aos quarenta anos de idade, uma mulher que quer casar tem a mesma probabilidade de encontrar um marido quanto de sofrer um acidente de carro!

– À taxa de mortalidade masculina mais elevada, que afeta qualquer idade, deve-se acrescentar o fator homossexualidade, que tira ainda mais homens do mercado amoroso.

Portanto, os homens estão em uma posição mais favorável do que as mulheres, pois todos sabem que o que é raro é precioso. A insatisfação congênita de que o autor da carta sofre é naturalmente alimentada pela profusão de mulheres ao seu redor.

Acredito que essa carta também levante questões importantes sobre a natureza das relações amorosas, mas se uma infração foi cometida, ela não é criminosa.

Entendo a reclamação da senhora CALLE, mas não é admissível em termos penais, pois não parece haver qualquer dano financeiro e, com relação ao prejuízo moral, ele é inerente a todas as relações amorosas, afinal, não nos apaixonamos por nossa própria conta e risco?

## MÃE

Monique Sindler

Minha querida

Creio que ele realmente é, e sempre será, um homem letrado, e não um homem simples. Entendo sua tristeza e, apesar de tudo, não estou surpresa com essa carta que cheira a auto-obsessão.

Bem, em sua defesa, ele faz tudo apropriadamente: “desassossego” (não é mau), “farsa” (trágico), “irremediável” (solene)...

Ele certamente tem talento literário, e isso é uma bênção! Incorporar um Benjamin Constant e escrever uma carta de rompimento na qual a palavra principal, AMOR, é conjugada em todos os tempos do indicativo. Como diria Woody Allen: “Todos dizem ‘Eu te amo’”.

Compartilho do seu desapontamento com tudo isso, mas não precisa fazer muito drama.

O seu “amor” durou apenas três ou quatro estações e vocês sequer chegaram a morar juntos. Se você tivesse ficado 25 anos com um homem e depois fosse trocada por uma garotinha por causa da crise da meia-idade, essa seria uma situação clássica, e muito mais dolorosa. Pense que o que você tem em mãos é o melhor tipo de carta.

Um músico teria dito que ouviu uma nota errada em seu coração. Um encanador teria falado que seus sentimentos estão vazando pouco a pouco, um electricista teria mencionado um repentino “curto-circuito” e um representante de uma loja de eletrodomésticos teria recorrido ao fim da garantia.

Lembremos de antigos provérbios: “antes só do que mal-acompanhada”, “há males que vêm para o bem”, etc.

Linda, famosa e inteligente como você é, logo você encontrará alguém melhor. Falando em “levar o fora”, lembro de quando eu era mais nova e tive que lidar com “Eu não mereço você”. Depois, eu tive mágoas piores, mas eu me arrependo dos meus arrependimentos. Apesar da humilhação e da raiva, havia sempre uma necessidade de tirar o melhor dessa situação, o que eu certamente fiz. Você deixa, você é deixado, esse é o nome do jogo, e para você esse rompimento pode ser fonte de inspiração para uma nova obra de arte – estou errada?

Amo você,  
Sua mãe

CURADORA  
Christine Macel

Quanto mais eu leio a carta de X., mais ela me comove.

Eu gostaria que cada visitante se sentisse do mesmo jeito.

A melhor maneira de conseguir isso seria fazer uma pilha de fac-símiles que eles pudessem levar e ler a sós.

A carta será exposta e distribuída no espaço público.

# SOPHIE CALLE *cuide de você*

**DE 10 DE JULHO A 7 DE SETEMBRO DE 2009\_SESC POMPEIA**

Rua Clélia, 93, Pompeia, São Paulo, SP

Tel. [11] 3871 7700 Fax [11] 3865 0324 [www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br)

De terça a sábado, das 10h às 21h\_domingos e feriados, das 10h às 20h

**DE 22 DE SETEMBRO A 22 DE NOVEMBRO\_MUSEU DE ARTE MODERNA DA BAHIA**

Av. Contorno s/nº, Solar do Unhão, Salvador, BA

Tel. [71] 3117 6141 Fax [71] 3117 6133 [www.mam.ba.gov.br](http://www.mam.ba.gov.br)

De terça a domingo, das 13h às 19h\_sábados, das 13h às 21h